**BRINCANDO E APRENDENDO: DESENVOLVIMENTO SOCIAL INFANTIL**

**David Israel Balestra da Silva Igídio**

**Maria Giselle Alonso Gonçalez**

Em março de 2024, o Centro de Atendimento Psicossocial Infantil de Serra Negra (SP) deu início a uma experiência inovadora na rede com a implantação de um grupo terapêutico voltado para o desenvolvimento de habilidades sociais em crianças de sete a doze anos. Inicialmente, o grupo foi concebido com foco em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que essas crianças frequentemente enfrentam dificuldades significativas nas interações sociais e comunicação. No entanto, ao longo da implementação, percebeu-se que as necessidades e desafios relacionados ao desenvolvimento social ultrapassavam essa condição específica, levando à inclusão de crianças com diferentes perfis, mas que também apresentavam dificuldades em se relacionar com outras pessoas.

Antes da criação deste grupo, o serviço não contava com um espaço planejado especificamente para trabalhar as habilidades sociais das crianças. A equipe identificou que muitas delas vivenciavam dificuldades semelhantes em situações cotidianas, como iniciar e manter interações de forma adequada socialmente e contextualmente, se inserir em atividades coletivas e estabelecer novos vínculos afetivos. Dessa forma, a proposta do grupo terapêutico surgiu como uma resposta à essa demanda e à necessidade de criar um ambiente mais inclusivo e focado no desenvolvimento social, respeitando a identidade de cada criança.

A experiência foi cuidadosamente planejada, com uma metodologia adaptada às necessidades do grupo e ao perfil dos participantes. O foco estava em estimular as habilidades sociais de forma lúdica e interativa, considerando que muitas crianças desse contexto se beneficiam de abordagens mais concretas e visuais para aprender comportamentos e estratégias sociais. O grupo utilizou uma variedade de materiais e atividades, como jogos sociais, dinâmicas de grupo, role-plays e atividades pedagógicas, sempre com o intuito de proporcionar um ambiente seguro e acolhedor, onde as crianças pudessem praticar novas formas de interação.

As dinâmicas e os role-plays foram fundamentais para que as crianças vivenciassem situações do cotidiano, aprendendo a lidar com situações de conflito, como resolver mal-entendidos ou expressar suas emoções de maneira apropriada. Além disso, atividades coletivas, como jogos em grupo e tarefas em equipe, foram usadas para promover a cooperação e a compreensão das normas sociais de convivência. A equipe técnica do serviço se reúne frequentemente para ajustar as abordagens de acordo com a evolução do grupo e o progresso individual de cada participante. Essas reuniões estratégicas tem sido fundamentais para refletir sobre o andamento da experiência e garantir que o planejamento esteja sempre alinhado às necessidades emergentes das crianças.

Os resultados observados ao longo desse processo foram até o momento, sem dúvida, positivos e animadores. Os profissionais notaram uma melhoria significativa na capacidade das crianças de interagirem com seus pares, o que se traduziu em um aumento na frequência e na qualidade das interações e na maior disposição para participar de atividades coletivas. Além disso, as crianças demonstraram uma maior compreensão das normas sociais e uma maior adaptação ao comportamento esperado em ambientes sociais, como escola e familiares. Muitos pais relataram mudanças em casa e na escola, como uma maior iniciativa das crianças em produzir interações ou pedir para brincar com amigos, o que evidencia o impacto da intervenção.

Do ponto de vista profissional, essa experiência revelou valiosas lições sobre a importância de se criar espaços terapêuticos que respeitem a individualidade das crianças, mas que também favoreçam o aprendizado coletivo e a troca. Os resultados indicam que a intervenção focada em habilidades sociais pode ser eficaz, promovendo o desenvolvimento de competências emocionais e sociais que são fundamentais para a vida cotidiana. Para nós, como profissionais, esse tipo de intervenção traz a reflexão sobre como podemos ser mais sensíveis e criativos nas abordagens, e como devemos estar dispostos a adaptar nossos métodos às necessidades do momento e dos participantes.

Essa experiência também nos lembra da importância de tratar as crianças em sua totalidade, sem restringir a intervenção a rótulos diagnósticos. Ao priorizar a identidade "criança" no grupo, criamos um ambiente mais inclusivo, acolhedor e humano, que favoreceu o aprendizado, a empatia e o vínculo entre todos. Além disso, esse processo nos ensina que intervenções estruturadas, que respeitam o ritmo e as necessidades de cada criança, podem ser poderosos catalisadores de mudanças positivas.

Como profissionais, lidamos com sentimentos de satisfação, mas também de desafio, ao perceber que as intervenções não são soluções rápidas e exigem paciência, adaptação e reflexão constante. Esse tipo de trabalho nos mobiliza a continuar aprendendo e buscando novas formas de promover o desenvolvimento integral das crianças, sempre com um olhar atento às suas necessidades emocionais e sociais.